



REVISTA ISSN: 2316-1493 TURISMO ESTUDOS & PRÁTICAS

A GRANDE TELA: O RECURSO FÍLMICO COMO METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO NO CURSO DE TURISMO

THE BIG SCREEN: THE RESOURCE FILMIC AS METHODOLOGY ACTIVE OF TOURISM COURSE

Esdras Matheus Matias¹
Iara Lucia Gomes Brasileiro²
Isabelly Ferreira Monteiro³
Michele Coelho Ferreira⁴

RESUMO: O objetivo da pesquisa descrita e discutida neste artigo baseou-se na utilização do recurso fílmico no âmbito educacional, como metodologia ativa na disciplina de Gestão de Alimentação & Bebidas em Hospitalidade, do Bacharelado em Turismo da Universidade Federal da Paraíba. O estudo, de natureza qualitativa, foi realizado nos formatos presencial e remoto, uma vez que ocorreu durante o período da pandemia de Covid-19 e logo posteriormente, quando as atividades presenciais foram retomadas. Utilizou-se observação livre, questionário aberto e análise de conteúdo, pontuando-se as dificuldades, rejeições, aspectos discordantes e concordantes acerca do uso desse instrumento em sala de aula. Os resultados apontaram a aceitação do filme como recurso didático, o despertar de emoções e afetos, assim como a percepção de desafios profissionais na área de A&B e a valorização da cultura gastronômica. Sugere-se pesquisas futuras que abranjam a literatura, questões socioantropológicas, cardápios, modos de fazer, e elementos sensoriais, entre outras possibilidades. **Palavras-chave:** Recurso Fílmico; Metodologias Ativas; Gestão de Alimentação & Bebidas; Turismo.

¹ Professor do Departamento de Turismo e Hotelaria (DTH) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutorado em Ambiente & Sociedade (2017) pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-Doutorado (2023) pelo Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT) do Instituto de Geociências (IG) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: esdrasmatheus@yahoo.com.br / <https://orcid.org/0000-0002-2178-7100>

² Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Professora e pesquisadora do Laboratório de Estudos em Turismo e Sustentabilidade (LETS)/Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: iara.brasileiro@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-3969-6506>

³ Graduação em Relações Públicas pela Universidade Federal da Paraíba (2017); Graduação em Turismo - Universidade Federal da Paraíba (2022). E-mail: marsbeca@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-4358-8540>

⁴ Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional pela Cintep (2018). Licenciada em Letras, habilitação em Língua Inglesa, pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Graduação em Turismo (em andamento) - Universidade Federal da Paraíba. E-mail: coelhomichele77@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-4613-3365>



ABSTRACT: The aim of the research described and discussed in this article was based on the use of film resources in the educational sphere, as an active methodology for the subject Food & Beverage Management in Hospitality, for the Bachelor's Degree in Tourism at the Federal University of Paraíba. The study, which is a qualitative one, was carried out in both face-to-face and remote formats, as it took place during the period of the Covid-19 pandemic and shortly afterwards, when face-to-face activities resumed. Free observation, an open-ended questionnaire as well as content analysis were used, highlighting difficulties, rejections, disagreements and agreements about the use of film as tool in the classroom. The results showed that the film was accepted as a teaching resource, that emotions and affections were awakened, as well as the perception of professional challenges in the area of A&B and the appreciation of gastronomic culture. Further research covering literature, socio-anthropological issues, menus, ways of doing things and sensory elements, among other possibilities, is suggested. **Keywords:** Film Resource; Active Methodologies; Food & Beverage Management; Tourism.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o cinema é empregado no ensino superior. No Brasil, há quase um século, essa ferramenta tem contribuído com o processo de ensino/aprendizagem (Fantin, 2007; Domínguez et al, 2010). Muito comum nas áreas mais fundamentais em disciplinas de formação geral, como História, Geografia, Literatura e/ou Redação (Machado, 2008; Rodrigues, 2016), foi um prenúncio para as produções cinematográficas alcançarem o ensino superior. Na área de Ciências Sociais Aplicadas, segundo Rodrigues (2016), a Administração é a ciência que mais utiliza filmes na sala de aula na formação dos seus alunos. A área do Turismo tem descoberto seus usos e aplicações timidamente, de acordo com o levantamento realizado para este trabalho.

As películas combinam entretenimento, lazer, práticas formativas, expressões artísticas, políticas e ideológicas, formas de comunicação, ferramenta educacional e fonte de reflexão socioeducativa (Machado, 2008; Domínguez et al, 2010). As possibilidades de usos, recursos, modelos, formatos, propostas pedagógicas do filme em sala de aula, mesclando criatividade e ludicidade, foram preâmbulos para esta pesquisa. Outro pilar que orientou o trabalho investigativo foi pensar a sala de aula como lugar de discussão e aprendizagem, extrapolando os próprios limites impostos tanto pela passividade do aluno como uma redefinição do papel do professor, tido quase sempre como “dono do saber” (Santos, 2007).

Vale ressaltar que este artigo não se propõe a uma incursão pelas abordagens pedagógicas, seus postulados e/ou pesquisadores de renome, nem elencar todas as possibilidades de metodologias ativas, ou, mesmo abordar a educação superior em Turismo no Brasil. Tampouco se pretende historicizar o cinema no Brasil ou no mundo. O que se pretende refletir é sobre metodologias ativas de aprendizagem, especificamente o uso do recurso do filme, como ferramenta que coopera no entendimento do conteúdo de um componente curricular específico na graduação em Turismo de uma Universidade Pública do Nordeste do Brasil.

Por seu caráter multidisciplinar, transdisciplinar e multifacetado, o ensino em Turismo permite incorporar filmes no seu bojo de aprendizado que não são essencialmente de viagens, excursões, férias ou deslocamentos, mas que, transversalmente, expõem questões, dilemas e conflitos próprios do seu universo. Nossa



abordagem assemelha-se com as propostas de Martínez Puche (2008) e Astorino (2019). Martínez Puche (2008) investiga as películas para contextualizar historicamente o turismo na Europa, especialmente na Espanha, entre os séculos XIX e XX. Já Astorino (2019) lista 40 obras cinematográficas diversas, explorando temáticas afins da área (transportes, hospedagens, turismo cultural, dentre outros temas). Ambos usam o filme para fins didáticos.

A relevância desta investigação se dá por três razões: a primeira, no seu caráter de originalidade, aplicar o recurso fílmico em uma disciplina específica na formação em Turismo; a segunda, por lidar com o recurso durante o período de transição entre o ensino presencial e o remoto, devido ao advento da Covid-19; a terceira, pelo seu planejamento participativo por meio de uma monitoria da Instituição de Ensino Superior em que a pesquisa foi realizada, decorrência inicial de um projeto de ensino implementado no curso em questão.

O objetivo da pesquisa fundamentou-se em compreender a percepção dos discentes quanto ao uso do recurso fílmico como metodologia ativa de ensino na disciplina de Gestão de Alimentação & Bebidas em Hospitalidade na graduação de Turismo, nos formatos presencial e remoto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O FILME COMO FERRAMENTA ATIVA DE APRENDIZAGEM

A responsabilidade pela invenção do cinema é associada aos irmãos Lumière (Machado, 2008; Napolitano, 2015; Ferreira, 2018). O cinema, apresentado ao mundo pelos franceses Lumière no final do século XIX, trazia consigo uma mescla de criatividade, inovação e vanguardismo. A primeira exibição pública do cinematógrafo ocorreu para 33 pessoas em 28 de dezembro de 1895 (Duarte, 2002; Ferreira, 2018), e, desde então, seus usos e formatos multiplicaram-se: serviram como apologias de regimes de governo, propaganda de guerra, projetaram artistas, exaltaram marcas, ganharam cores, vozes e efeitos especiais, desnudaram bastidores de empresas e instituições e presentearam seus admiradores com premiações mundo afora.

Seja ele lúdico (recreativo/prazenteiro), temporal, social, demográfico, ambiental, econômico-político, curta, longa ou de qualquer gênero, colorido ou preto e branco, o filme encanta, incomoda, aguça o público, e esse público vai além das poltronas dos cinemas. O filme encontrou, na sala de aula, a parceria ideal para metodologias ativas de aprendizagem. Em tempos de isolamento social, o recurso fílmico ganhou outras facetas e apresentou novas possibilidades.

O uso do recurso fílmico para a sala de aula é ilimitado, mas, por vezes, é utilizado de forma equivocada, sem aprofundamento ou planejamento, contextualização, para gazetear o tempo ou substituir o docente (Rodrigues, 2016). Dificuldades na aplicação do recurso fílmico foram apontadas pelas pesquisas de Seixas et al (2017), ao evidenciarem entraves básicos no seu entendimento como metodologia de ensino: nível baixo de leitura do aluno, nível baixo de cultura geral do aluno; dificuldade para aceitar a teoria, ler e discutir; dificuldade de leitura e de escrita. Ademais, alguns discentes e docentes julgam o recurso fílmico como uma ferramenta apenas de diversão, entretenimento e/ou lazer, descaracterizando a abordagem mais técnica, mais discursiva, reflexiva e analítica (Lampugnani, 2019).

Para Thiel & Thiel (2009), o discente precisa transpor a figura de espectador formal para a de analista fílmico, desenvolver um olhar inquiridor, ler as lacunas, os



sons e o silêncio, por meio de análise e interpretação. O papel do docente é fundamental nessa preparação do aluno de espectador para analista. Essa ideia é reforçada por Lampugnani (2019, p.52) “Para tornar-se um aluno crítico, é necessário que o professor atue como mediador, apresentando diferentes gêneros, ensinando de que maneira se lê cada gênero e incentivando uma leitura profunda”. O professor precisa desenvolver mecanismos que despertem a percepção, imaginação e crítica do aluno antes, durante e depois da projeção. Essa inquietação sobre a falta de preparo do discente, alfabetização pelo cinema ou nivelamento dos estudantes, que afeta sua assimilação do recurso fílmico, também é exposta por Rodrigues (2016). A conexão entre professor/aluno é essencial para o êxito da ferramenta educacional. “Vale salientar que em uma sala de aula, mesmo enquanto assiste um filme, os alunos (espectadores) estão desempenhando um papel ativo na experiência de ensino/aprendizagem” (Mendonça & Guimarães, 2008, p.2).

Já Napolitano (2015) aborda as vantagens e as desvantagens do uso do filme na sala de aula e fora dela. O filme completo em sala de aula requer um ambiente adequado para não distrair os alunos e tem como principal vantagem o gerenciamento do docente, pausando, comentando e voltando algumas cenas. Quando os discentes assistem em outros locais, não é possível o acompanhamento do docente, cabendo exclusivamente ao discente decompor e pontuar os momentos mais relevantes da película. Nos dois contextos, não existe a situação ideal. Caberá ao docente, a partir do perfil da turma e das condições de infraestrutura, escolher de qual modo a atividade será mais bem aplicada.

Morán (1995) destaca os maus usos do filme em sala de aula: vídeo-enrolação, vídeo tapa-buraco, vídeo-deslumbramento, vídeo-perfeição ou só vídeos. O vídeo-enrolação não tem vínculo com a matéria, e “o aluno percebe que o vídeo é para camuflar a aula” (Morán, 1995, p.3). No vídeo tapa-buraco, o recurso é utilizado na ausência do professor, desvalorizando o vídeo e criando a sensação de vazio. No vídeo-deslumbramento, Morán (1995) retrata seu uso exagerado, sufocando outras atividades. No vídeo-perfeição, os docentes questionam todos os filmes sem deixar para o aluno a atividade de reflexão. E, por último, o filme pelo filme sem discussão, sem relação, sem aprofundamento e sem integração. A abordagem do autor é interessante, visto que, possivelmente, algum professor já tenha utilizado o recurso em uma dessas formas em algum momento da vivência do aluno, causando-lhe frustração, rejeição e antipatia com o recurso fílmico. Essa desconstrução do filme supérfluo, “mata-aula” ou passatempo também é retratada por Freitas (2012).

Além disso, o filme em sala de aula pode ser aplicado em diversos moldes. Para Machado (2008), pode-se fazer um paralelo entre o filme e o livro que inspirou a película, trabalhar trechos dos filmes, os filmes na íntegra ou integrados com outros componentes. Independente da escolha do docente, cada turma, naturalmente, desenvolverá um perfil de ensino-aprendizagem. Desta forma, o conteúdo pode ser readequado ao longo do semestre. Independente da escolha, cabe ao docente o discernimento na aplicação. “Conhecendo bem os alunos, o professor poderá determinar qual o método ou o conjunto de métodos que poderão ser aplicados no processo de ensino-aprendizagem” (Marion & Marion, 2006, p. 52).

Considera-se a assertiva de Colauto et al (2018) de que o filme deve trazer ao palco discussões que sirvam para analisar a sociedade e assuntos relevantes para a formação dos alunos. O filme tem a capacidade de apresentar temas, conflitos, embates e reflexões que, normalmente, vindo em textos, não teriam a mesma repercussão. A imagem, o diálogo, a paisagem e o meio de comunicação alcançam melhor o alunado, por



vezes disperso ou não seduzido pela leitura. “Nesse sentido, a universidade é um espaço privilegiado para incentivar esses encontros e favorecer a degustação da arte do cinema, abrindo espaço-tempo para que as obras possam reverberar e se revelar a cada um, segundo sua sensibilidade” (Colauto et al, 2018, p.131).

Para Alencar & Guissoni (2020), o cinema, além de ser um instrumento artístico, propaga conteúdo, cultura popular, sendo imprescindível para o turismo como articulador entre imagens e representações. Seguramente, as aplicações dos filmes para o turismo são inúmeras: promocionais e mercadológicas, informativas, institucionais/empresariais, histórico-culturais ou lúdico-didáticas, esta última, escopo desta investigação.

Como afirma Fantin (2007, p.4), “Educar para o cinema e educar com o cinema”. A assertiva da pesquisadora esclarece-nos quanto à apresentação dessa linguagem aos alunos, para, posteriormente, ser utilizada como ferramenta de educação. Embora pareça senso comum, a linguagem cinematográfica pode ser suspicaz para quem assiste. O cinema, fugindo do ensino mais doutrinário, hermético e disciplinador, contribui para o que Santos (2007) chamou de “desenvolvimento de condições emancipatórias do aprendiz”, a partir do momento em que a criatividade e a inovação fomentam um pensar mais crítico e amplo, que “extrapola em muito o evento da aula” (Santos, 2007, p.89). Importante ressaltar o que ilustra Duarte (2002), que o espectador é um sujeito social e que sua compreensão do filme é dotada de valores, crenças, saberes e informações anteriores, que podem alterar sua concepção da obra. “O olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados” (Duarte, 2002, p.67).

Segundo Pimentel (2011), não basta o educador gostar do filme ou, simplesmente, sentir-se atraído pela associação direta com seus conteúdos pedagógicos. Para o autor supracitado, o docente deve fugir das armadilhas da escolha simplista de imagens cinematográficas. E o que isso, de fato, quer dizer? Talvez uma das dificuldades do uso do cinema em sala de aula seja o que Moscariello (1985, p.8) define como “levar o cinema a deixar de ser visto apenas como um espetáculo”. Tal posicionamento é reforçado por Pimentel quando expressa que, “para que a inclusão de imagens fílmicas no âmbito escolar não seja encarada como simples entretenimento ou apenas recurso didático, torna-se necessária uma orientação metodológica” (Pimentel, 2011, p.89/90).

O que é uma metodologia ativa de ensino? Segundo Marion & Marion os alunos devem ser tornar pensadores críticos, proporcionando iniciativas, dinamicidade e aprendizado contínuo, baseado no professor facilitador, não como preletor. Para Lovato et al (2018, p.157) “Elas são metodologias nas quais o aluno é o protagonista central, enquanto os professores são mediadores ou facilitadores do processo.” Tendo em vista o papel transformador da educação, recomenda-se a mudança das metodologias de ensino-aprendizagem buscando métodos que permitam o desenvolvimento de competências, como a criatividade, o pensamento crítico e a cooperatividade, necessários na sociedade atual (Lovato et al, 2018). Um erro comum aos docentes que tentam implementar essa metodologia é partir do pressuposto de que o aluno já detém esse olhar clínico e crítico, ou porque já viu o filme escolhido ou porque outro docente já utilizou o recurso em outro componente curricular. Importante frisar que cada filme, em cada turma, é um procedimento do zero, ou seja, construção do alicerce. Os alunos trazem consigo suas experiências e vivências, que devem ser valoradas, mas a leitura do filme é sempre o primeiro degrau, orientado e supervisionado pelo professor. No caso do presente estudo o distanciamento social provocado pela Covid 19, prejudicou o acompanhamento face a face, mas não sabotou a metodologia ativa.



O docente tem um papel basilar no uso dessa metodologia ativa, sem desmerecer as outras. A decisão pelo filme é o passo mais importante. Não se pode desconsiderar o que Duarte (2002) chama de identificação do espectador. Essa identificação é o que constitui o vínculo entre espectador e trama. Nesse caso a identificação primeiro do professor, posteriormente do aluno. É o docente que opta pelo filme e seu gênero, que determina o tempo para assistir, que elabora as questões norteadoras, que contextualiza o filme, que sugere ver o filme todo ou partes dele. A película, vista, revista e pormenorizada pelo planejamento docente, deve servir como tablado para discussões, análises, interpretações (visuais, sonoras, paisagísticas, históricas, de formato e estrutura), que somente podem ser conduzidas por um docente preparado. A improvisação é a pior estratégia como ferramenta de ensino.

Outro fato é que o filme não é estático, ele é transformador. Tem um “repertório estilístico”, segundo Moscariello (1985), que, juntamente com o som, enquadramento, visão do diretor, condução da filmagem, formato/estrutura, possibilita a utilização de diversas interpretações. Moscariello (1985) vai além, fazendo-nos pensar e refletir como a psicologia das cores, movimentos de câmara e linguagem sonora corroboram para esse entendimento. Isso não desmerece, não desqualifica nem impede o uso de filmes em preto e branco. Pelo contrário: o filme sem cores pode até ser mais impactante para o alunado e despertar mais interesse. Tudo vai depender do *mise en scène*.

Assim sendo, eleger um filme para uso em sala de aula não é uma tarefa simples. É preciso ter cuidado nas mensagens explícitas e implícitas, desmembrar suas partes para analisar o conjunto, entender o contexto fora do filme (como ano de produção, local de realização, perfil do cineasta, movimentos e estéticas cinematográficas, situação econômico-social-política-ambiental do país na época de produção e exibição). Esses elementos fora da tela merecem ênfase, preparação, organização e planejamento prévio, evitando, assim, efeitos reversos, ruídos ou contestações por parte dos discentes. Freitas (2012) ainda sugere o que denomina abordagem triangular: aplicado no início, durante ou depois da exposição do assunto ou tema da aula. Se salienta que o erro a ser evitado é a não contextualização da película (Freitas, 2012).

Embora nossa discussão não seja a formação docente e seus aspectos mais intrínsecos, ressalta-se que um ambiente fértil para metodologias ativas provém de variáveis além do professor, mas que o atingem diretamente na sua aplicação. Variáveis, por exemplo, como infraestrutura da Instituição de Ensino, perfil do alunado e do curso ou mesmo condições não controláveis, como foi o caso da Covid-19. Na outra ponta, encontramos os alunos, quer tenha sido no formato presencial ou no remoto, com seus contextos particulares de vida, condições socioeconômicas, culturais, religiosas, repletos de dificuldades extraclasse que poderiam prejudicar a aprendizagem.

O distanciamento social da pandemia estugou a redefinição das regras, procedimentos e recomendações para o uso do filme longe da sala de aula física, porém possível na dinâmica virtual. Partiu-se, então, das sugestões das autoras Thiel & Thiel (2009) quanto à produção de um diário, com anotações livres dos alunos e observação das questões macro e micro, além dos detalhes da obra. Com o advento da pandemia da Covid-19, as práticas convencionais de sala de aula precisaram passar por uma adaptação que atingiu não somente os alunos, como os gestores educacionais, as instituições de ensino e os professores. As metodologias ativas que empregavam integração, visitas técnicas e trabalhos de campo, próprias para a formação superior em Turismo, foram abortadas pelo advento da Covid-19, e novas configurações foram pensadas para atender a dinâmica do distanciamento social e o aparato dos recursos tecnológicos.



Neste estudo, apresentamos as duas experiências: uma vivência em sala de aula presencial e outra remota, devido ao distanciamento social exigido pela pandemia sanitária instalada no mundo. O filme mostrou-se uma ferramenta exequível e camaleônica, capaz de se adequar ao contexto pelo qual a humanidade passou no início do ano de 2020, estendendo-se por quase dois anos.

PERCURSO METODOLÓGICO

Apoiada na liberdade teórico-metodológica, nos aspectos mais descritivos, na pluralidade de técnicas e métodos e na flexibilidade tanto na escolha dos sujeitos quanto do sequenciamento do desenvolvimento da pesquisa (Triviños, 2008), asseguradamente, nossa pesquisa é de cunho qualitativo. Buscou-se mesclar a observação livre, o uso de questionário aberto, o caso de tipo observacional e a análise de conteúdo, para fortalecer o que Triviños (2008) chamou de multiplicidade de recursos.

Os sujeitos selecionados foram os alunos matriculados no componente curricular Gestão de Alimentação & Bebidas em Hospitalidade, do terceiro período letivo do curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal da Paraíba. Dos 25 discentes matriculados, 19 responderam ao questionário e participaram do estudo. A disciplina transcorreu por quatro meses, o equivalente a quinze encontros, sendo um por semana. Durante esse período, os alunos foram acompanhados pelo docente e por uma aluna monitora.

Quanto à observação livre, procurou-se pontuar as dificuldades, as rejeições, os aspectos concordantes e discordantes na aplicação do recurso fílmico em sala de aula. Essa fase encerrou-se devido à pandemia da Covid 19, sendo, portanto, o acompanhamento dos últimos encontros realizado de forma remota.

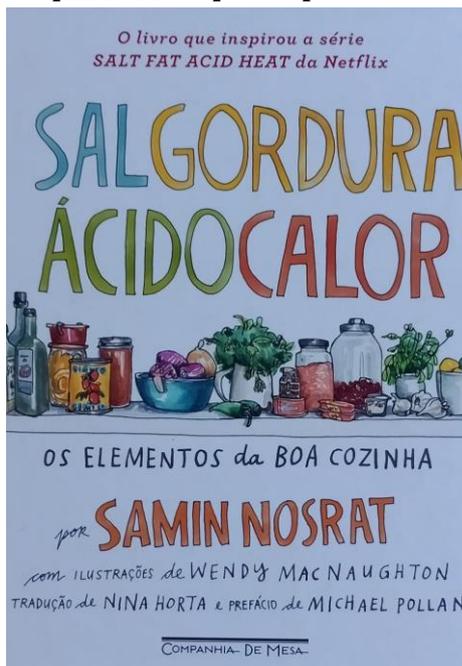
Após a conclusão da disciplina, reforçando o que Triviños (2008) enfatiza sobre a participação dos sujeitos como elemento essencial do fazer científico na pesquisa qualitativa, aplicou-se, junto aos discentes, um questionário aberto, composto por 13 perguntas, para avaliar sua percepção quanto ao uso do recurso fílmico em sala de aula. Nesta etapa, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (2016).

Enfatiza-se que a pesquisa passou por dois momentos, devido à pandemia da Covid-19. O primeiro momento ocorreu presencialmente e, posteriormente, em seu processo de finalização, ocorreu em formato remoto devido ao distanciamento social obrigatório.

Paralelamente, foi realizado um levantamento em artigos científicos de dezoito revistas nacionais e seis internacionais, na área de turismo/hospitalidade, publicados entre os anos de 2017 e 2022, com as seguintes palavras-chave: recurso fílmico, cinema, metodologias ativas e audiovisual. Foram localizadas 36 publicações, porém apenas três estão diretamente relacionadas ao propósito desta pesquisa.

Na primeira etapa (presencial), optou-se por usar dois filmes e um documentário, respectivamente: *Ratatouille* (2007) e *Chef* (2014) e o documentário da plataforma de *streaming* Netflix, *Sal, Acidez, Gordura e Calor* (2018), inspirado no livro de mesmo nome conforme figura 01.

Figura 01: capa do livro que inspirou o documentário



Fonte: dos autores (2023)

A escolha partiu do próprio docente, e o critério foi que os gêneros dos filmes fossem diferentes. O primeiro filme, *Ratatouille*, conta a história de um rato cozinheiro (Remy) que ressalta a importância da gastronomia francesa em um restaurante de Paris enquanto ensina a um chef iniciante o seu ofício. No filme *Chef*, são tratados quatro pontos cruciais: o papel dos críticos gastronômicos no dia a dia das empresas de alimentação fora do lar, o empreendedorismo dos *food trucks*, a criatividade do chef *versus* o comodismo dos donos de restaurante e o papel das redes sociais na promoção dos estabelecimentos. Por fim, no documentário inspirado no livro *Sal, Gordura, Acidez e Calor*, de Samin Nosrat, são apresentados quatro países e suas relações com elementos básicos da cozinha. O sal representado pelo Japão, a gordura representada pela Itália, a acidez representada pelo México e o calor representado pelos Estados Unidos da América.

Os filmes e o documentário foram utilizados de formas distintas. Os alunos assistiram à animação *Ratatouille* em casa, seguindo a orientação do docente na resolução de questões. O filme *Chef* foi aplicado em sala de aula, e, posteriormente, realizou-se um exercício sobre situações do filme e relação com a disciplina. Os discentes também assistiram em casa ao documentário *Sal, Acidez, Gordura e Calor*, composto por quatro episódios, e precisaram escrever suas impressões para a segunda parte da atividade. Contrariando o que sugere Thiel & Thiel (2009) no tocante à utilização de recortes ou fragmentos dos filmes, aqui, optou-se por utilizá-los na íntegra.

Escolheu-se também o documentário na tentativa de propor duas formas diferenciadas de filme, o que é endossado por Brum et al (2016, p.48):

Filmes do tipo documentário permitem mostrar uma série de recursos e técnicas compartilhados pelo filme de ficção ou de encenação, onde conta com personagens, cenários e locações, toda uma série de intervenções, da câmera, do entrevistador, do narrador, do montador, que alteram e modificam de forma significativa o mero registro.



Na segunda etapa (no formato *online/remoto*), designaram-se mais cinco filmes para a realização de trabalhos em grupos. As películas utilizadas na pesquisa constam no Quadro 1.

Quadro 1

Filmes e séries utilizados na segunda etapa da disciplina Gestão de Alimentação & Bebidas.

FILME/SÉRIE	DIREÇÃO E/OU PRODUÇÃO	GÊNERO	ANO DE PRODUÇÃO	PAÍS DE PRODUÇÃO
A Festa de Babette	Gabriel Axel	Drama e Romance	1987	Dinamarca
Julia e Julie	Nora Ephron	Comédia e drama	2009	EUA
Comer, rezar e amar	Ryan Murphy	Romance e drama	2010	EUA
Pegando Fogo	John Wells	Comédia e drama	2015	EUA
Arrasando na cozinha	Raymond Yip	Drama	2017	Hong Kong
Street Food: Asia	David Gelb / Brian McGinn	Documentário	2019	EUA

Elaboração própria (2020/2021).

O critério utilizado para a escolha dos filmes (Quadro 1) foi de que o gênero, o ano e o país de produção fossem diferentes, para, assim, trazer perspectivas distintas em relação ao entendimento da gastronomia. Contudo, houve certa dificuldade em encontrar diversidade de obras cinematográficas que fossem de diferentes países, seja pela ausência da temática, ou pelo difícil acesso. Isso é visível na maioria dos filmes aplicados, produzidos pelos Estados Unidos, que detêm a supremacia em produções cinematográficas de longo alcance. No entanto, a participação de outras culturas acaba ocorrendo dentro das produções norte-americanas, devido à pluralidade de roteiro e à ambientação das histórias.

As treze questões que compuseram o questionário, foram: 1. Você já passou pela experiência de uma atividade com filme em outra disciplina do curso? Qual disciplina? 2. Em sua opinião, o uso do recurso do filme ajuda a entender o conteúdo da disciplina? 3. Em sua opinião, o filme escolhido tem relação com o conteúdo da disciplina? 4. A proposta do uso do filme na sala de aula pelo professor ficou clara para você? Caso não, por quê? 5. Você teve alguma dificuldade em relacionar o filme com o conteúdo de sala de aula? Caso sim, por quê? 6. Você teve alguma dificuldade em entender a história do filme? 7. Você acha que houve um *feedback* adequado do filme, após a aplicação da atividade? 8. Você se entusiasmou com o recurso do filme em sala de aula na Universidade? Por quê? 9. De que você mais gostou quanto ao uso do recurso do filme em sala de aula? 10. De que você menos gostou quanto ao uso do recurso do filme em sala de aula? 11. Você já tinha assistido a esse filme antes? Caso sim, houve alguma mudança sobre a sua percepção acerca dele? 12. Você gostaria que outros professores utilizassem o recurso fílmico em sala de aula? 13. O que você aprendeu com o filme?

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Com a aplicação dos questionários, observou-se que o público investigado afirmou que já teve experiência com atividades envolvendo obras cinematográficas em outras disciplinas do curso, deixando em evidência que o curso de Turismo está familiarizado com a ferramenta de filmes dentro da sala de aula.



Outra informação a ser feita foi de que, na pesquisa, havia a opção de citar as disciplinas em que os entrevistados tiveram experiência com o recurso fílmico. Foram apontadas: “Introdução ao Estudo do Turismo”, a mais citada entre os participantes, seguida por “Teoria e Técnica do Turismo”, “Turismo, Antropologia e Cultura”, “Planejamento e Gestão de Pessoas em Hospitalidade”, cada uma sendo mencionada duas vezes. Depois, apareceram “Sociologia do Turismo” e “Geografia e Turismo”, com uma menção cada.

Vemos também outros componentes que não pertencem ao rol do Departamento de Turismo e Hotelaria, mas são ofertadas ao curso de Turismo por outros departamentos, como “Antropologia Cultural”, “Metodologia do Trabalho Científico”, “Teoria da Linguística I e II”, “Teoria da Literatura I e II”, demonstrando, assim, que a vivência com a ferramenta fílmica precede o componente curricular em análise.

Validando essa pluralidade de disciplinas citadas, os autores Rosa, Rosa & Tullio (2019, p. 109) consideram que “a sua versatilidade em lidar com diferentes temáticas, perspectivas e estéticas colabora para o debate e reflexões em sala de aula”, tendo em vista a diversidade de gênero que a linguagem cinematográfica possui, podendo atingir os mais variados públicos.

Ao serem perguntados se o uso do recurso fílmico ajuda o aluno a entender o conteúdo da disciplina (Questão 2), os alunos foram unânimes ao responder afirmativamente: “*Torna mais fácil a compreensão do conteúdo da disciplina.*” (Respondente Q), ou, ainda, “*A maior facilidade em entender o conteúdo somado a forma leve que isso ocorre.*” (Respondente J).

O mesmo aconteceu com as duas questões seguintes em que se perguntavam se o filme escolhido tinha relação com o conteúdo da disciplina (Questão 3) e se a proposta do uso do filme na sala de aula feita pelo professor foi abordada com clareza (Questão 4). “*Sim, e mais ainda quando o professor pára o filme para explicar acontecimentos e sobre os assuntos abordados em sala.*” (Respondente D).

Quando questionados sobre relacionar os filmes com o conteúdo dado em sala de aula, apenas dois participantes tiveram dificuldade, mesmo que eles tenham afirmado que os filmes possuíam relação com o conteúdo da disciplina e que entendiam o que foi proposto pelo professor. Com base nisso, as justificativas de cada respondente foram: “*Nem tudo fica totalmente esclarecido, então precisei perguntar ao professor.*” (Respondente D). Ou ainda: “*Se for passado inteiro sem pausas para explicações fica extenso e complicada*” (Respondente D).

Na Questão 6, apenas um participante relatou ter tido dificuldade em entender a história dos filmes. Já na Questão 7, sobre o *feedback* adequado dos filmes após a aplicação da atividade, somente dois respondentes expuseram que não houve um retorno adequado referente à atividade proposta.

Em um segundo momento da pesquisa (Questões 8 a 14), é possível observar algumas semelhanças nos discursos dos discentes, separados por aspectos antagônicos, como positivos e negativos, motivacionais e desestimulantes, sendo categorizados como: a) inovação na ferramenta de ensino; b) relação com o conteúdo; c) visão crítica; d) “substituição” de visita técnica; e) outros ensinamentos para a vida; f) hábito de assistir; g) atenção aos detalhes; h) confortabilidade; i) acesso à obra cinematográfica.

“Pois gosto de formas diferentes do padrão de apresentação do conteúdo, mostra que o professor está disposto a buscar diversos recursos para melhor entendimento do aluno”. (Respondente B).



Com a utilização do recurso fílmico, revelaram-se depoimentos que nos mostraram que o uso dessa metodologia ativa despertou, na opinião de alguns discentes, o hábito de voltar a assistir a filmes, tornando esse velho-novo costume em um alicerce para ampliação do conhecimento em possíveis atividades futuras. A partir das instruções dadas pelo professor, alguns respondentes disseram que o ato de se sentar para assistir a uma obra cinematográfica atingiu um novo patamar, pois houve o incentivo de ver por outra perspectiva, convertendo, assim, a visão dos alunos quanto a um filme tomado como corriqueiro ao lazer de um sábado à tarde, em algo que aguçasse a sua visão crítica sobre o que foi assistido, indo além de uma síntese de som e imagem, para as teorias aprendidas em sala.

É perceptível que o aproveitamento das obras abordadas durante o período acadêmico acarretou uma melhor perspectiva do alunado sobre a assimilação do conteúdo da disciplina de A&B, como cargos e funções, administração de cozinha-restaurantes e as dificuldades dos profissionais da área. Ainda conforme os resultados obtidos com a aplicação do questionário, os discentes relataram que conseguiram ver a valorização da cultura e conhecer outras áreas da gastronomia, a exemplo da comida de rua. Os alunos também comentaram sobre a interação com a turma, a dinamização do conteúdo, a facilidade do aprendizado, a associação da teoria com a prática, complementando a perspectiva de uma visita técnica, a experiência, a leveza e a percepção dos detalhes da história assistida, culminando em inspiração com as mensagens finais que os filmes trouxeram.

A análise da questão 11 mostra-nos que os filmes expostos em sala foram novidade para o alunado, e apenas dois discentes já tinham assistido a algum dos filmes. Para esses, a pergunta buscava saber se houve alguma mudança sobre a sua percepção. Eis as respostas: *“Sim, claro! Pois com as análises críticas do professor e alunos nos alarga a visão dos fatos e abre um horizonte de possibilidades de entendimento”* (Respondente F); *“Apenas um deles, que foi Ratatouille. Minha percepção mudou no sentido que passei a vê-lo com um olhar técnico.”* (Respondente R).

Deste modo, constata-se que o uso da grande tela, de um modo geral, gera entusiasmo, aceitação e valoração entre os participantes: *“Gostei de tudo, gosto de tudo relacionado a filmes.”* (Respondente Q). Ou ainda: *“Nesta disciplina não tenha algo que eu não tenha gostado”* (Respondente S). E, por fim, *“Nada chegou a me desagradar.”* (Respondente G).

Respostas que variam entre o uso lúdico, a fuga do convencional, a inovação da metodologia de ensino fazendo contraponto com a tradicional e a melhora na assimilação do conteúdo sensibilizam o espectador a ver esse recurso com menos receio em sua aplicação em sala. Aspectos positivos dentro dessa experiência ultrapassaram as barreiras acadêmicas, levando ensinamentos que podem ser investidos na própria vida.

Os depoimentos de H e D, respectivamente, enfatizam: *“A importância da comida de rua; a valorização da cultura; a importância do turismo comunitário; a importância da criatividade para valorização do seu negócio; qualquer pessoa pode chegar a ser um chef de cozinha”*. Ou *“Que no filme chef demonstra uma enorme lição de vida e que trazendo para o dia a dia, não devemos desistir das coisas mas sim lutar mesmo que passemos por dificuldades”*. Tais pontos de vista coadunam com a assertiva de Mancini *et al*, 2017, p.6) de que *“o uso de filmes no ensino é uma maneira eficaz de alcançar o domínio afetivo das pessoas, promover atitudes reflexivas e ligar o aprendizado às experiências”*, recebendo, assim, uma lufada de ar fresco em meio a tantos meios tradicionais de ensino-aprendizagem.



“Em sala gosto de discutir sobre o filme recomendado para assistir em casa, não gosto de me deslocar para universidade diretamente do trabalho após um dia cansativo para assistir um filme que poderia assistir em casa. Mas a recomendação é a discussão do que foi percebido no filme é excelente” (Respondente H).

Apenas dois sujeitos não se entusiasmaram com a ideia de ter filme passado em sala de aula, e as justificativas foram: *“Apesar de nem todos os professores utilizarem deste recurso, já conhecia a estratégia utilizada em sala de aula”* (Respondente E). E ainda: *“Gosto do recurso do filme, mas não em sala de aula, porque podemos assistir ao filme em outro momento”* (Respondente H).

Em contrapartida, na questão 13, quando perguntado “Você gostaria que outros professores utilizassem o recurso fílmico em sala de aula?”, todos os estudantes foram unânimes em afirmar que gostariam de que outros professores do Departamento de Turismo utilizassem o recurso fílmico para o entendimento de conteúdo de suas disciplinas.

Enquanto alguns respondentes acreditaram que detalhes são essenciais para se observar em um filme, outros viram esse fator de maneira negativa e desestimulante, pois ficar reparando em minúcias acaba por deixar o filme enfadonho, e essa exigência de detalhes se sobressai à proposta do filme relacionado à disciplina, tirando o real foco da atividade: *“Detalhes mínimos, que não vi relevância, como nome da vinícola do vinho que foi servido a um determinado personagem ou o nome da comida que os personagens comeram, mas que foram cobrados em prova”* (Respondente E).

Outro ponto visto como desfavorável pelos alunos foi a questão de acesso ao conteúdo fílmico recomendado para as atividades e ao tempo destinado ao exercício com a aplicação do filme em sala. No entanto, isso vai em desacordo com a estratégia dos idealizadores que viram os filmes escolhidos como fáceis de localização em *streamings* e plataformas de compartilhamento e um tempo satisfatório para a execução da tarefa atribuída. Apesar disso, um respondente expressou seu descontentamento: *“A dificuldade de encontrar na internet e/ou curto tempo para assistir em sala de aula”* (Respondente O).

Embora os discentes tenham relatado que o filme apresentado em sala é mais proveitoso com a participação do professor, efetuando pausas e dando explicações, a maior queixa entre os alunos foi a questão da confortabilidade durante a exibição do recurso fílmico dentro da sala de aula, nas dependências da Instituição de Ensino. Além disso, queixaram-se do barulho e burburinhos no momento de exibição do filme e expuseram dificuldades quanto à infraestrutura da universidade. *“O conforto, pois é mais interessante e mais confortável quando o filme é passado para ser assistido em casa”* (Respondente M). Ou ainda: *“O barulho (lê-se desrespeito) de alguns participantes da turma”* (Respondente R). Por fim, *“O que menos gostei foi o barulho em sala. Em alguns trechos não consegui escutar o filme.”* (Respondente A).

Interessante ressaltar que o desgosto quanto aos ruídos em sala foi resolvido a partir do momento em que as aulas foram redirecionadas para o formato remoto. As queixas mudaram, mas vão além das proposições desta pesquisa. O que fica evidente é que o recurso fílmico encontrará entraves e facilidades, independente do formato escolhido pelo professor e das condições do aluno.

Das três formas possíveis da grande tela propostas por Napolitano (2015), trabalhou-se com as três. O perfil da turma foi determinante na escolha do melhor formato, além do papel crucial do docente e da monitora na sensibilização sobre a linguagem do cinema e esclarecimentos da atividade, principalmente dos alunos



resistentes aos filmes. Assim sendo, alguns depoimentos são relevantes para a reflexão do papel do professor diante da grande tela: *“Me fez retornar ao hábito de assistir filmes, que eu já tinha deixado de lado uns anos atrás”* (Respondente T). Ou ainda: *“Porque foge da aula convencional.”* (Respondente R). Por fim, *“Pois com as análises críticas do professor e alunos nos alarga a visão dos fatos e abre um horizonte de possibilidades de entendimento”* (Respondente F).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou o uso do recurso fílmico como metodologia ativa de aprendizagem por meio da discussão do conteúdo programático do componente Gestão de Alimentação & Bebidas em Hospitalidade no curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Nenhum aluno questionou como mau o uso dos filmes. Foram unânimes quanto à relação da história do filme e o conteúdo apresentado e discutido em sala de aula. Quanto a assistir ao filme em sala de aula ou em casa, houve divergências entre os discentes, principalmente quanto à questão da infraestrutura. Apesar de a sala de aula não oferecer condições apropriadas para exibição, alunos relataram o clima agradável de cinema que os filmes proporcionaram.

Ambas as abordagens preconizadas por Napolitano (2015) ocorreram, e, nas duas, perceberam-se limitações. Assistir a um filme em sala de aula tem a vantagem de escutarmos os comentários e percepções dos discentes e do professor sobre aquilo que, porventura, passou despercebido, além de aprimorar o conteúdo com questionamentos “ao vivo” quando debatido em conjunto. Por outro lado, há aqueles que comentam o filme inteiro, não permitindo que o colega tire as próprias conclusões. A infraestrutura inadequada, o desconforto do ambiente, os ruídos internos e externos são fatores que podem atrapalhar a atenção no que está sendo apresentado. Em contrapartida, em casa, tem-se a vantagem de o aluno assistir no momento que lhe convém, porém, as percepções e comentários alheios só serão discutidos quando todos se reunirem novamente em sala de aula, pois as primeiras impressões ao ver o filme não podem ser avaliadas pelo docente. Outra vantagem de assistir no conforto de sua casa é o despertar da curiosidade, levando o aluno a ir além do que lhe foi pedido acerca do filme de modo instantâneo. Mas esse clima descontraído pode comprometer todo o objetivo da atividade, se tal ação for tomada como lazer.

A pesquisa qualitativa apresentou resultados interessantes quanto à aceitabilidade do filme como recurso didático. Na observação participante, descobriu-se que o filme planejado, contextualizado e devidamente associado ao conteúdo, evitou rejeições. Os filmes foram capazes de despertar emoções, afetividade com a disciplina e, quiçá, contribuem para a diminuição da evasão, efeito este que pode ser analisado em futuras pesquisas. O acompanhamento face a face é precípuo para dirimir dúvidas, estimular os discentes e acompanhar a aplicação da ferramenta. Porém, o advento da pandemia minou esse acompanhamento, apesar de ter dado mais liberdade e autogestão para os alunos assistirem às películas fora do ambiente acadêmico.

Quanto às futuras pesquisas, inúmeras possibilidades de levantamento apresentam-se: o filme e a literatura no turismo, as questões culturais, socioantropológicas das películas, os cardápios, pratos e modos de fazer, os elementos sensoriais, os sabores e a culinária mundial. Como afirmam Mancini et al (2017, p. 8), *“trabalhar com obras cinematográficas explorando várias disciplinas através da interdisciplinaridade”*. O filme em si não precisa discorrer sobre a temática do turismo,



mas apresentar, de forma transversal, algo que desperte no aluno a relação disciplina-filme. Certamente, nosso trabalho foi um grande laboratório, assim como um banquete de tentativas, parafraseando “A Festa de Babette” (filme dinamarquês de 1987).

Embora “Muitos professores imaginem que toda aprendizagem é inerentemente ativa” (2018, p.155), a proposição de mesclar cinema e o ensino do turismo como metodologia ativa é uma tentativa de usar as artes, em todas as suas perspectivas, para sensibilizar e transpor a formalidade da sala de aula e reposicionar os atores nesse palco diante da grande tela. Contudo, o filme precisa ter um entendimento que atravesse a ponte do entretenimento/lazer e abrir espaços para discussões, análises, associações e aprendizado.

Ellsworth (2001) e Santos & Resende Filho (2022) trazem o conceito de endereçamento e reendereçamento, que é o distanciamento da proposta do filme e o espectador (o não reconhecimento do espectador/estudante que o filme se dirige a ele) por questões diversas, que podem ser econômicas, temporais, sociais, geográficas, ideológicas e outras. Esse “erro do alvo” tratado pelos autores pode ser um impedimento cognitivo no uso dos filmes como ensino/aprendizagem, e evidencia uma questão: o que o professor sabe sobre seus alunos? Mas deixaremos essa inquietação para outra pesquisa.

Os docentes de quadro a giz, mimeógrafos, retroprojetores e projetores de vídeos foram importantes para a educação superior. Mas, com as novas tecnologias de *streaming*, *internet*, ludicidade, gamificação, o professor foi engolido pelos novos formatos, inclusive do filme. O filme contextualizado tornou-se, nesta pesquisa, o protagonista, regendo a performance da disciplina. O maior aprendizado para todos os envolvidos é de que o planejamento deve dirigir, reger o roteiro, pois a improvisação é a vilã dessa metodologia. Quiçá outros estudos possam se debruçar em outras formas de usabilidade das películas no ensino superior. A grande tela não perderá seu fascínio, e continuaremos indo ao cinema, mas talvez nunca mais da forma tradicional.

REFERÊNCIAS

Alencar, D.G.; & Guissoni, R. A. (2020). Representação mental e social do cinema brasileiro como espaço turístico. *RITUR – Revista Iberoamericana de Turismo*. Volume 10(2). <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/10704>

Astorino, C. M. (2019). Cinema e turismo: filmes como subsídio para a discussão da atividade turística. *Revista turismo em análise. RTA. | ECA-USP | 3(30)*, 539-561. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v30i3p539-561>

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (1ª ed). São Paulo: Edições 70.

Brum, W.P., Schuhmacher, E; & Silva, S.C.R.:(2016). A utilização de documentários enquanto organizadores prévios no ensino de Geometria não Euclidiana em sala de aula. *Acta Scientiarum. Education*. Maringá, 1(38), 43-49. enero/mar. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v38i1.23293>

Colauto, R.D., Silva, O. L. da; Tonin, J. M. da F.; & Martins, S. P. (2018). Filmes no processo de ensino e aprendizagem. En Leal, E.A.; Miranda, G. J.; Casa Nova, S. P.de C. *Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem*. São Paulo: Atlas.



Domínguez, C. P.; Blanch, J. S.; & Iglesias, L. F. V. (2010). Babel: Cine y comunicación en un mundo globalizado. *Polis: Revista Latinoamericana*. 26. Junio. <http://dx.doi.org/10.32735/S0718-6568/2010-N26-709>

Duarte, R. (2002). *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

Ellsworth, E. (2001). Modo de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. *Nunca fomos humanos: metamorfoses da subjetividade contemporânea*. Belo Horizonte: Autêntica.

Fantin, M. (2007). Mídia-Educação e cinema na escola. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, 15(8),15-16. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24008>

Ferreira, R. de A. (2018). *Luz, câmera e história: práticas de ensino com o cinema*. São Paulo: Autêntica.

Freitas, E. de. (2012). *História e cinema: encontro de conhecimento em sala de aula*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

Lampugnani, R. (2019). *As novas concepções de ensino: o cinema como uma ferramenta de ensino na Educação*. In Cinema na sala de aula: propostas de trabalho e relatos de experiências. Storto, L. J.; Tullio, C. M.; Burgo, V.H. Londrina: Syntagma Editores.

Lovato, F.L.; Michelotti, A.; Silva, C.B. da.; & Loretto, E.L. da S. (2018). Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão. *Acta Scientiae; Revista de ensino em ciências e matemática*. Vol 20.n.2. <https://doi.org/10.17648/acta.scientiae.v20iss2id3690>

Machado, J.L.de A. (2008). *Na sala de aula com a sétima arte*. São Paulo: Editora Intersubjetiva.

Mancini, L. A.; Costa, M. L.; & Guilen, S. M.C. (2017). O ensino do Turismo através do cinema. *Turismo & Sociedade*. Curitiba. 3(10), 1-22. sep/dic. <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v10i3.54209>

Marion, J. C.; & Marion, A. L. C. (2006). *Metodologias de ensino na área de negócios*. São Paulo: Atlas.

Martínez Puche, A. (2008). El cine como soporte didáctico para explicar la evolución del viaje y la actividad turística. *Cuadernos de Turismo*, 22, 145-163. <https://revistas.um.es/turismo/article/view/48131>

Mendonça, J.R.C. de; & Guimarães, F. P. (2008). Do quadro aos “quadros”: o uso do filme como recurso didático no ensino de Administração. *Cadernos EBAPÉ BR*, 1-21. Agosto. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Rio de Janeiro – RJ. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512008000500003>



Morán, J. O vídeo na sala de aula. (1995). *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, 2, 27-35. enero/abril.

Moscariello, A. (1985). *Como ver um filme*. Lisboa: Editorial Presença.

Napolitano, M. (2015). *Como usar o cinema em sala de aula*. São Paulo: Contexto.

Nosrat, S. (2019). *Sal, gordura, ácido, calor: os elementos da boa cozinha*. (1ed). São Paulo: Companhia da Mesa.

Pimentel, L S. L. (2011). *Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas*. São Paulo: Cortez.

Rodrigues, P. A. de B. (2016). *Utilização do recurso fílmico como estratégia mercadológica de ensino-aprendizagem: um estudo de caso com estudantes de Turismo na UFPE e UFRN*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Programa de Pós-Graduação em Turismo. Natal, Brasil, 205p.

Rosa, M.; Rosa, M.; & Tullio, C. M. (2019). Identidade e diferença: animação nas aulas de Língua Portuguesa. En Storto, L. J.; Tullio, C. M.; Burgo, V. H. (Org.) *Cinema em sala de aula*. (1a ed.). Londrina: Syntagma Editores, vol. 1, 109-127.

Santos, M.M.C. Prática docente na formação do turismólogo. (2007). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. 1(1), 84-109. septiembre. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v1i1.80>

Santos, G. A. Lira C. dos & Rezende Filho, L. A. C. de. (2022). Potencialidades da ação docente com o uso de audiovisuais no ensino de química. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 24, n. 2, p. 504-521, 2022. DOI: 10.20396/etd.v24i2.8660196. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8660196>

Seixas, E. P. de A; Araújo, M.V.P. de; Brito, M. L. de A.; & Fonseca, G. F. (2017). Dificuldades e desafios na aplicação de metodologias ativas no ensino de turismo: um estudo em uma instituição de ensino superior. *Revista Turismo - Visão e Ação*. 3(19), 566-588. sep/dic. <https://doi.org/10.14210/rtva.v19n3.p566-588>

Thiel, G. C.; & Thiel, J. C. (2009). *Movie Takes: a magia do cinema na sala de aula*. São Paulo: Aymarã.

Trivinho, A. N. S. (2008). *Introdução à pesquisa qualitativa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.



Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 19/06/2024

Aprovado em: 03/07/2024

Received in: June 19, 2024

Approved in: July 03, 2024